



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARVALHO, Maria Luiza Mello de; KOATZ, Gabriela Lorenzo Fernandez. Cuidado, coraça e autorregulação na maternidade e na paternidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: ____/____/____.

CUIDADO, COURAÇA E AUTORREGULAÇÃO NA MATERNIDADE E NA PATERNIDADE

**Maria Luiza Mello de Carvalho
Gabriela Lorenzo Fernandez Koatz**

RESUMO

As transformações econômicas e de gênero vêm afetando o cuidado materno e o paterno. Homens e mulheres se vêem divididos entre projetos de carreira profissional e os desejos de se tornarem pais e mães. O trabalho de cuidado dos filhos, em comparação com o trabalho remunerado, é desvalorizado socialmente e cada vez mais, pais e mães têm menos tempo para cuidar da família. O trabalho de cuidado dos filhos é vivido com diferentes significados por homens e mulheres. As mulheres, identificadas com o cuidado materno, vivem a sobrecarga do trabalho doméstico paralelo ao trabalho fora de casa. Os homens, pressionados pelo empobrecimento das famílias ou pelas transformações de gênero, começam a cuidar de seus filhos, sem que esta atividade seja valorizada por eles. No entanto, o exercício do cuidado pode facilitar a libertação do encorajamento de gênero da masculinidade. O cuidado se caracteriza como uma potencialidade humana, que precisa de condições para se manifestar, podendo encorajar ou facilitar a autorregulação das pessoas.

Palavras-chave: Autorregulação. Couraça. Cuidado. Maternidade. Paternidade.

Introdução

Homens e mulheres se vêem divididos hoje em dia, entre projetos de carreira profissional e os desejos de se tornarem pais e mães. As transformações econômicas, de gênero e das configurações familiares vêm afetando o cuidado materno e paterno. Cada vez mais, pais e mães têm menos tempo para cuidar da família, comprometidos com a tarefa de provê-la financeiramente.

As mulheres, identificadas com o cuidado materno, vivem a sobrecarga do trabalho doméstico paralelo ao trabalho fora de casa. Por outro lado, os homens começam a cuidar de seus filhos, pressionados pelo empobrecimento das famílias ou pelas transformações de gênero, sem que esta atividade seja valorizada por eles.

Neste artigo, discutiremos as possibilidades que o trabalho de cuidado dos filhos pode oferecer de diferentes maneiras, para homens e mulheres, permitindo seu encorajamento ou sua autorregulação.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARVALHO, Maria Luiza Mello de; KOATZ, Gabriela Lorenzo Fernandez. Cuidado, couraça e autorregulação na maternidade e na paternidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: ____/____/____.

Cuidado, autorregulação e couraça

Filosoficamente, “cuidado” pode ser entendido como potencialidade inerente e fundamental ao ser humano, que precisa de condições para se manifestar e desenvolver (HEIDEGGER, 2004; BOFF, 1999). Cuidar implica em buscar intimidade com o objeto de cuidado, acolhendo-o e respeitando-o, permitindo que se entre em sintonia com o outro. O espírito se humaniza e o corpo se vivifica quando moldados pelo cuidado, numa fundamental ação humana, levando a centralidade da vida para o sentimento (BOFF, 1999). Nesse processo, pode haver uma libertação das exigências sociais de racionalidade, objetividade e produtividade (BOFF, 1999) e trazer benefícios para o cuidador já que o próprio processo de cuidar pode ser facilitador da felicidade (CREMA, 1995).

A discussão sobre o cuidado nos remete aos conceitos de couraça e autorregulação na visão reichiana. As pessoas encouraçadas, corporal e emocionalmente, têm dificuldade no contato amoroso com os outros, numa resistência à transformação. Estão apegadas a padrões apreendidos e incorporados desde a mais tenra infância, que podem ser reforçados socialmente por dogmas religiosos, sociais e pudores. Nesse processo, os impulsos de amor, ao passar pela couraça, se transformam em raiva destrutiva. A pessoa encouraçada tende a rigidez e à falta de harmonia no seu corpo e no seu relacionamento consigo mesma e com os outros.

Já as pessoas autorreguladas têm uma moralidade espontânea com relação a si mesmas e aos outros, agindo com base em suas próprias inclinações e sentimentos profundos (REICH, 1981). Podemos dizer, portanto, que o indivíduo autorregulado, ao se libertar de suas couraças, ama e cuida com mais facilidade. Ou seja, está em contato com sua potência cuidadora, inerente a todos os seres humanos, mas que depende de condições para se manifestar e desenvolver.

Vivemos numa sociedade em que homens e mulheres, identificados muitas vezes com a produtividade, se tornam alienados de si mesmos e reproduzem esta desvalorização nas suas relações com as pessoas (MARX, 1983). Esquecemos e nos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARVALHO, Maria Luiza Mello de; KOATZ, Gabriela Lorenzo Fernandez. Cuidado, coraça e autorregulação na maternidade e na paternidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: ____/____/____.

distanciamos de nós mesmos e dos outros, num encorajamento emocional social que se propaga nas relações, dificultando o exercício do amor. Os impulsos de nossa potencialidade para buscar a conexão com o outro através do amor encontram esses encorajamentos emocionais e não conseguem se expressar livremente (REICH, 1981).

Trabalho de cuidado dos filhos

Trataremos do cuidado dos filhos numa compreensão de que este é um trabalho doméstico.

A perspectiva feminista compreende o trabalho doméstico dentro do conceito de “trabalho”, eliminando a dissociação entre as tarefas remuneradas daquelas do cuidado com a família. Neste modelo, se nega a ideologia dominante que desvaloriza o trabalho doméstico e das mulheres e se recupera a idéia de cooperação de todos para a produção da vida, entendendo tanto o trabalho reprodutivo quanto o produtivo (KERGOAT, 1989).

O trabalho de cuidado dos filhos tem uma representação desvalorizada comparada ao trabalho remunerado dos homens, que remonta às origens do capitalismo na história da Europa. O interesse pela acumulação de bens marcou a passagem do direito materno para o paterno e, na família patriarcal, o trabalho doméstico é um serviço privado, feito pela mulher subordinada ao homem (ENGELS, s.d.).

Com o desenvolvimento da industrialização e da urbanização no mundo ocidental e no nosso país, se acirrou a desvalorização do cuidado com a família. O trabalho assalariado, mais valorizado, afastou os homens de casa e as mulheres ficaram confinadas ao lar (KERGOAT, 1989; GIFFIN, 1994, 1998). O trabalho de cuidado dos filhos foi socializado como uma força de trabalho de menor valor do que as ocupações remuneradas dos homens distantes do cuidado.

As transformações econômicas do século passado provocaram a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, criando o conflito entre o trabalho remunerado e o cuidado com os filhos (GIFFIN, 1994, 1998). As donas de casa, antes



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARVALHO, Maria Luiza Mello de; KOATZ, Gabriela Lorenzo Fernandez. Cuidado, coraça e autorregulação na maternidade e na paternidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: ____/____/____.

valorizadas como “rainhas do lar”, passaram a buscar independência financeira, fazendo com que a maternidade passasse a competir com o trabalho remunerado (ROCHA-COUTINHO, 1998, 2003). No entanto, o trabalho assalariado das mulheres, embora muitas vezes entendido como um avanço feminista, não significou uma independência nem estabilidade financeira. Cuidar dos filhos continuou sendo uma atividade da vida privada e mais ainda desvalorizada, pois passou a significar um impedimento para o crescimento pessoal no mercado de trabalho (GERSON, 2002).

Transição de gênero e o cuidado com os filhos

A saída da mulher para o trabalho fora de casa criou espaço para a entrada dos homens na educação dos filhos, um dos fatores da transição de gênero que ocorre nos tempos atuais (GIFFIN, 1994,1998). Num projeto de casal igualitário, há uma maior expectativa de participação masculina nos cuidados com a casa, alterando o padrão tradicional de paternidade, onde o homem tinha apenas o papel de provedor (SALEM, 1987). Mesmo com resistências, passou a ocorrer um convívio entre o modelo de paternidade tradicional distante e autoritária e a paternidade participativa e cuidadora (CARVALHO, 2003, 2007). Desta forma, trocar fraldas, alimentar, tomar conta e colocar para dormir, tarefas antes impensáveis para os homens, hoje começam a fazer parte de suas vidas.

A participação masculina no cuidado com a casa ainda é muito incipiente, mas as necessidades econômicas fazem com ela se expanda em diferentes classes sociais, embora ainda ocorra de maneira eventual, como uma colaboração à mulher (AQUINO, MENEZES, 1998). Esta mudança constitui um desafio para aqueles que acreditavam na essencialidade dos atributos masculinos e femininos, derrubando o mito de que a capacidade para cuidar das crianças seria inerente ao corpo feminino. O exercício do cuidado pelos homens revela que a potencialidade cuidadora independe do sexo (CARVALHO, 2007, 2008).

Apesar das resistências de gênero, cresce o número de casais em que as tarefas do cuidado com os filhos é experimentada por pais e mães. Estes vivem os conflitos entre a dedicação à família e ao trabalho, já que com os salários baixos, cada



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARVALHO, Maria Luiza Mello de; KOATZ, Gabriela Lorenzo Fernandez. Cuidado, coraça e autorregulação na maternidade e na paternidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: ____/____/____.

vez mais ficam mais tempo fora de casa. Nos arranjos familiares atuais, nos meios urbanos, a família é construída em torno de compartilhar o dinheiro, mas sem tempo para o cuidado (GERSON, 2002). Apesar de se dizer que “a família vem primeiro”, poucos trabalhadores questionam as longas horas de trabalho. Mulheres vivem divididas, desgastadas e multiplicadas entre serem profissionais e mães (ROCHA-COUTINHO, 2002).

Trabalho de cuidado encorajador ou autorregulador

As mulheres, muito mais que os homens, podem viver o trabalho de cuidar dos filhos como aprisionador, já que a elas é imputada a exigência desta tarefa doméstica, mesmo depois do período da amamentação, quando o bebê pode ser igualmente cuidado por homens e mulheres. Esta cobrança de gênero das mulheres cuidadoras, somada às exigências pessoais, pode fazer com que estas mulheres deixem de lado outras atividades e necessidades afetivas pessoais, se prendendo ao uso de uma única forma de estar no mundo. Este fato pode prejudicá-la porque a alternância e a mobilidade de formas de estar no mundo falam de nossa capacidade de saúde (ZIPPINOTTI, PIRES, 1998, apud KOATZ, 2007).

Quando nos remetemos ao processo de cuidar de filhos, estes cuidados não se referem apenas à providência de saúde e de alimentação, mas aos cuidados afetivos, fundamentais para o desenvolvimento saudável da psique da criança e da relação entre pais e filhos. O relacionamento mãe-bebê é extremamente corporal e o prazer vivido pela mãe e pelo bebê facilita a saúde de ambos.

Tanto o pai quanto a mãe podem manifestar o que chamaremos de coraça de gênero. O cuidado materno pode estar envolvido com uma coraça de gênero, pela obrigação feminina de cuidar e pela sobrecarga de tarefas que faz com que o cuidado sem realizado sem tempo para o contato amoroso. Por outro lado, o pai que se identifica com o papel de provedor, mesmo que a mãe também trabalhe fora, e não se envolve com o contato com os filhos, encoraja sua potencialidade cuidadora.

Os contatos visual, olfativo e de pele, presentes no processo de vinculação entre



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARVALHO, Maria Luiza Mello de; KOATZ, Gabriela Lorenzo Fernandez. Cuidado, coraça e autorregulação na maternidade e na paternidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: ____/____/____.

os seres humanos, são reivindicados pelo bebê ávido de amor, mas para o cuidador ou cuidadora ter prazer nesse contato precisa se sentir bem com o próprio corpo (KOATZ, 2007; CARVALHO, 1997).

Durante o aleitamento materno, a mãe pode viver uma experiência de intenso contato com seu corpo, ao perceber seu peito se encher de leite, sem controle da racionalidade. Esta é uma rara oportunidade de contato profundo das mulheres consigo mesmas e com sua força de vida, ou seja, sua autorregulação.

Contudo, se a mulher estiver guardando registros de histórias de sofrimento na sua estrutura psicocorporal, eles se farão presentes mesmo que inconscientemente, reforçando seu encorajamento e dificultando a expressão do amor (CARVALHO, 1997). Se o bebê tiver alguma doença importante, a mãe poderá se culpar pela fantasia de responsabilidade pela má-formação do filho. Além disso, a angústia da possibilidade de morte do bebê pode afetá-la, levando-a a se fechar em torno do cuidado de seu filho e favorecer o aparecimento da coraça da maternagem (KOATZ, 2007).

Um fator importante nesse processo é o fato da mulher, durante a maternidade, reprimir suas sensações, comprometendo o prazer no cuidado materno. Este fenômeno é fruto da nossa origem cultural judaico-cristã, na qual o prazer e a maternidade não podem comparecer de forma mútua. O modelo de mãe “Maria” é da virgem dedicada à causa do filho, segregando o prazer do corpo. Esta repressão pode desencadear tensões e reprimir o prazer nos cuidados com o filho, inclusive durante a amamentação. Muitas mulheres focadas nas suas obrigações maternas perdem o contato com elas mesmas de maneira integral, e reduzem todo seu prazer na vida a serem mães (KOATZ, 2007).

O trabalho de cuidado, portanto, pode ser um fator encorajador de mulheres angustiadas, sentindo-se aprisionadas ao cuidar de seus filhos. A pesquisa com trabalhadores americanos de empresa com flexibilização do horário e proteções às famílias mostrou uma inversão nos sentimentos, entre homens e mulheres, em relação ao trabalho remunerado e ao doméstico. As mulheres se sentiam mais realizadas na empresa, pela sua percepção de que essa jornada não é uma obrigação como é a



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARVALHO, Maria Luiza Mello de; KOATZ, Gabriela Lorenzo Fernandez. Cuidado, coraça e autorregulação na maternidade e na paternidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: ____/____/____.

jornada doméstica para elas. Já os homens ficavam mais à vontade em casa do que no trabalho, pois em casa não são cobrados a trabalhar como na empresa (HOCHSCHILD, 2001). Principalmente as mulheres desenvolvem uma terceira jornada: o trabalho das emoções para reparar o dano causado pelas pressões do tempo, pois as crianças resistem ao ritmo corrido de vida familiar, fazem birra para dormir e acordar cedo para irem para as creches no horário da mãe ir trabalhar. Resistem a comer rapidamente no café da manhã e querem brincar fora da hora que a mãe dispõe. A isso se soma o custo emocional da negação dos problemas conjugais gerados pela tensão entre o trabalho e a casa e pela não divisão igualitária das tarefas domésticas. O trabalho fora de casa parece ser mais estimulante e dar um sentido maior de pertencimento do que a casa, que se tornou um lugar estressante, com trabalho demais para ser feito em muito pouco tempo (HOCHSCHILD, 2001).

A pesquisa de campo desenvolvida no Rio de Janeiro com pais cuidadores sem as mães indicou a recuperação da autorregulação destes, no que diz respeito ao cuidado com sua relação com seus filhos, se libertando do encorajamento da masculinidade que os distanciava dos mesmos (CARVALHO, 2007, 2008). Durante as entrevistas, seus olhos brilhavam ao falarem emocionados, das lutas que venceram e da alegria do convívio com os filhos. Suas emoções fluíam com facilidade, sugerindo que entravam em contato com emoções profundas das quais estavam conscientes. Suas falas eram calorosas no que diz respeito à intensidade afetiva que estavam experimentando e à alegria de desenvolverem atividades vistas como femininas, como nos mostra um dos entrevistados:

Aí de lá para cá [quando passei a criar as filhas sozinho], meu mundo mudou mesmo. Mudou, eu tive que aprender tudo, eu tive que descobrir tudo. E aí eu entrei no mundo feminino, por causa das minhas duas filhas. Esse mundo feminino, esse mundo me fez ver a mulher, o outro lado da mulher. Me fez ver a paciência, o amor que triplicou, me fez ver como a mulher se sente do outro lado e eu sinto como uma mulher se sente, eu homem, eu tive que aprender isto. (...) Você conhece seu filho só no olhar e esse olhar eu tive que descobrir, porque eu era só pai dela, não era pai e mãe, pai e mãe é diferente... É esse amor que eu te falei, é esse mundo feminino, o mundo da mulher; e o homem não, o homem se exclui desse mundo... Aí então eu tive que descobrir esse mundo feminino, a sensibilidade, né?
Isaías, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos (CARVALHO, 2007,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARVALHO, Maria Luiza Mello de; KOATZ, Gabriela Lorenzo Fernandez. Cuidado, coraça e autorregulação na maternidade e na paternidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: ____/____/____.

2008)

Estudos mostram que a paternidade faz bem aos homens, já que diante do nascimento de um filho, estes costumam adotar atitudes mais preservadoras da sua vida (COWAN, 1988), que podemos chamar de autorreguladoras. Dois dos pais da pesquisa já citada (CARVALHO, 2007, 2008), relataram que abandonaram histórias de criminalidade ao se dedicarem ao cuidado dos filhos, sem as mães. O cuidado recuperaria o que estes homens perderam na sua vida diária como trabalhadores, em atividades muitas vezes alienadoras. Puderam se libertar dos aprisionamentos gerados pela divisão sexual do trabalho e da construção de gênero da masculinidade, para se conectarem com sua amorosidade, num processo de autorregulação.

Como vemos, homens e mulheres do mundo atual, apesar da sobrecarga entre o cuidado com os filhos e o trabalho remunerado, vivem uma oportunidade sem precedentes de forjar formas de equilibrar desenvolvimento pessoal com compromisso com outros, ambos igualmente importantes (GERSON, 2002).

Conclusão

O trabalho de cuidado dos filhos, portanto, pode ser vivido com diferentes significados para homens e mulheres. O exercício do cuidado pode facilitar ou dificultar a libertação do encorajamento de gênero de homens e mulheres. A possibilidade de divisão das tarefas e da abertura para a entrada de homens no cuidado pode beneficiar ambos os sexos. Como disse um dos pais, entrevistado na pesquisa com pais cuidadores sem as mães: “É. Filosoficamente, a gente existe pra buscar a felicidade” (Leonardo, 46, casado, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos). Esta é nossa capacidade de autorregulação e contato com nossa potência cuidadora.

O cuidado se caracteriza como uma potencialidade humana, que precisa de condições para se manifestar, podendo encorajar ou facilitar a autorregulação das pessoas.

REFERÊNCIAS



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARVALHO, Maria Luiza Mello de; KOATZ, Gabriela Lorenzo Fernandez. Cuidado, coraça e autorregulação na maternidade e na paternidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: ____/____/____.

AQUINO, Estela Maria Motta Leão de; MENEZES, Greice Maria de Souza. Para pensar o exercício da paternidade: contribuições a partir de um estudo sobre trabalho e saúde de mulheres. In: SILVEIRA, Paulo (org.). Exercício da paternidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 131-141.

CARVALHO, Maria Luiza Mello de. Cuidado, Sociedade e Gênero: um estudo sobre pais cuidadores. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). EICOS, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. Desencouraçamento de gênero e autorregulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br.

_____. A amamentação como oportunidade de reorganização afetiva. Anais do V Encontro Nacional de Aleitamento Materno. Londrina: 1997.

COWAN, Philip A.. Becoming a father: a time of change, an opportunity for development. In: BRONSTEIN P.; COWAN, Carolyn Pape (eds.). *Fatherhood today: men's changing role in the family*. New York: John Wiley & Sons, 1988.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Editora Escala, sem data. 189 p.

GERSON, Kathleen. Moral dilemmas, moral strategies, and the transformation of gender: lessons from two generations of work and family change. *Gender & Society*, v. 156, n. 8, p. 8-28, fev. 2002. Disponível em: <<http://gas.sagepub.com/cgi/content/abstract/16/1/8>>. Acesso em: 1 abril 2007.

GIFFIN, Karen. Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal. *Cadernos de Saúde Pública*, n. 18 (sup.), p. 103-112. 2002.

_____. Exercício da paternidade: uma pequena revolução. In: SILVEIRA, Paulo (org.). Exercício da paternidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 75-80.

_____. Esfera de reprodução em uma visão masculina: considerações sobre a articulação da produção e da reprodução, de classe e de gênero. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 4, n. 1, p. 23-40, 1994.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. *The second shift*. New York, Avon Books, 1989.

KERGOAT, Daniele. Da divisão do trabalho entre os sexos. In: Hirata, H. (org.) *Divisão capitalista do trabalho*. Tempo Social, USP, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-103, 2o. sem. 1989.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CARVALHO, Maria Luiza Mello de; KOATZ, Gabriela Lorenzo Fernandez. Cuidado, coraça e autorregulação na maternidade e na paternidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: ____/____/____.

KOATZ, Gabriela Lorenzo Fernandez. Música, energia e maternagem: Utilização da consciência corporal em musicoterapia no trabalho com as coraças na maternagem. Monografia de conclusão de curso. Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro: 2007.

MARX, Karl. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. In: FERNANDES, F. (org.). Karl Marx e Friedrich Engels: história. São Paulo: Ática, 1983. p. 146-181.

REICH, Wilhelm. A função do orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. De Cinderela a Mulher Maravilha: maternidade em tempos de mudança. *Documenta*, n. 9, Rio de Janeiro, EICOS-UFRJ, 1998.

_____. Divididas e multiplicadas: a maternidade para mulheres executivas cariocas. In: D'ÁVILA NETO, Maria Inácia; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro (orgs.). Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social. Rio de Janeiro: Mauad: Bapera Editora, 2003.

SALEM, Tania. Sobre o “casal grávido”: incursão em um universo ético. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional. UFRJ, 1987.

Maria Luiza Mello de Carvalho/RJ – Psicóloga (Maternidade Escola UFRJ e consultório). Psicoterapeuta corporal (Biossíntese). Professora (Faculdade Maria Thereza). Doutora e Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (UFRJ). Especialista em: Psiquiatria Social, Terapia de Adolescentes e Assistência Psiquiátrica.

E-mail: luiza.carvalho@globocom.com

Gabriela Lorenzo Fernandez Koatz /RJ – Musicoterapeuta (Conservatório Brasileiro De Música). Flautista. Professora de música. E-mail: gabrielakoatz@gmail.com